

A FLORESTA SABE (The Forest Knows)

Governança territorial Ashaninka e regeneração da Amazônia

Projeto de fotojornalismo, investigação visual e jornalismo construtivo

Concurso Dom Phillips e Bruno Pereira de Jornalismo e Comunicação em Defesa do Meio Ambiente, Povos Indígenas e Comunidades Tradicionais

Categoria 2 — Fotojornalismo

Autores

Davilson Brasileiro

Pesquisa local / colaboração jornalística

Nicoló Lanfranchi

Fotografia / documentação visual

Comunidade Ashaninka de Apiwtxa

Rio Amônia — Terra Indígena Kampa do Rio Amônia

Acre — Amazônia brasileira

Março de 2023

Uma investigação visual sobre proteção territorial indígena, regeneração florestal, ancestralidade e construção comunitária de soluções socioambientais na Amazônia.

Publicado internacionalmente por The Guardian, GEO France, GEO Germany, Vanity Fair Italia e apresentado em espaços internacionais de fotografia, cultura e reflexão pública.

Festival SEED — Perugia

FestiValori — Modena

YEAST Photo Festival — Matino

Cortona On The Move Photo Festival



CONTEXTO DA INICIATIVA

“A Floresta Sabe (The Forest Knows)” é uma iniciativa de comunicação desenvolvida pelo jornalista brasileiro Davilson Brasileiro, em colaboração com o fotógrafo e jornalista visual italiano Nicoló Lanfranchi, voltada à documentação de soluções desenvolvidas por povos indígenas da Amazônia relacionadas à proteção territorial, regeneração florestal, autonomia comunitária e fortalecimento de formas indígenas de gestão da floresta.

O capítulo apresentado nesta candidatura foi realizado na comunidade Ashaninka de Apiwtxa, localizada na Terra Indígena Kampa do Rio Amônia, Acre, Brasil, em março de 2023. Ao longo de mais de três décadas, a comunidade tornou-se referência internacional em regeneração ambiental, reflorestamento, sistemas agroflorestais, organização comunitária e governança territorial indígena. Moradores da comunidade e a família Piyãko já plantaram mais de dois milhões de árvores, desenvolvendo estratégias próprias de proteção territorial e fortalecimento cultural.

Inspirado por princípios do jornalismo construtivo, o projeto busca documentar não apenas ameaças ambientais, mas também respostas concretas desenvolvidas pelas próprias comunidades indígenas, perguntando quem já demonstra, na prática, caminhos possíveis para proteger a Amazônia.

A experiência de Apiwtxa ocupa lugar central nessa reflexão justamente por demonstrar formas concretas de regeneração florestal, autonomia territorial, fortalecimento comunitário, transmissão intergeracional de conhecimentos ancestrais e construção de soluções socioambientais lideradas pelos próprios povos da floresta.

O trabalho dialoga também com questões presentes na trajetória investigativa do jornalista britânico Dom Phillips, com quem Nicoló Lanfranchi colaborou anteriormente em reportagens para The Guardian. Lanfranchi contribuiu ainda com fotografias para o livro *How to Save the Amazon*, publicado após a morte de Dom Phillips, incluindo imagens da família Piyãko também apresentadas nesta candidatura. Apiwtxa integra um dos capítulos do livro justamente por representar uma experiência concreta de proteção territorial e regeneração da floresta conduzida por povos indígenas.

Lanfranchi havia sido convidado a acompanhar Dom Phillips em sua última viagem de reportagem ao Vale do Javari. A continuidade deste trabalho procura também fortalecer formas de jornalismo comprometidas com o interesse público, a escuta qualificada das comunidades e a ampliação do debate sobre justiça socioambiental, proteção ambiental e protagonismo indígena.

A iniciativa foi publicada internacionalmente por veículos como The Guardian, Vanity Fair Italia, GEO France e GEO Germany, além de circular em espaços de exposição e debate público internacional, contribuindo para ampliar o acesso a informações qualificadas sobre proteção ambiental, direitos indígenas e soluções socioambientais desenvolvidas por comunidades da Amazônia.



Terra Indígena Kampa do Rio Amônia: o extremamente sinuoso Rio Amônia apresenta uma coloração avermelhada devido à erosão das encostas e barrancos em suas margens. Apesar disso, suas águas são limpas e preservadas, sem contaminação proveniente das atividades mineradoras da região.

O Rio Amônia segue seu curso até encontrar o Rio Juruá, em frente à cidade de Marechal Thaumaturgo, no estado do Acre, no norte do Brasil, próximo à fronteira com o Peru.

Os Asháninka são um povo indígena que vive no leste do Peru e no oeste do Brasil. Cerca de 900 Asháninka vivem no lado brasileiro, e mais da metade deles habita a região do Rio Amônia.

METODOLOGIA E COLABORAÇÃO COMUNITÁRIA

DECLARAÇÃO COMPLEMENTAR SOBRE RELAÇÃO COM A COMUNIDADE E REALIZAÇÃO DO TRABALHO

O presente trabalho foi realizado com pleno conhecimento, participação e colaboração da comunidade Ashaninka de Apiwtxa, no âmbito de uma relação construída ao longo do desenvolvimento do projeto documental “A Floresta Sabe (The Forest Knows)”.

O jornalista Davilson Brasileiro e o fotógrafo Nicoló Lanfranchi foram convidados pelas lideranças da comunidade para permanecer durante aproximadamente um mês em Apiwtxa. Ao longo desse período, a comunidade compartilhou gradualmente aspectos de seu cotidiano, suas práticas de regeneração florestal, formas de organização comunitária, conhecimentos ancestrais, estratégias de proteção territorial e modos próprios de relação com a floresta.

O trabalho documental foi desenvolvido em diálogo permanente com moradores e lideranças locais, que contribuíram ativamente para sua realização, orientando processos de documentação e construção narrativa relacionados ao território, à cultura, à ancestralidade e às soluções socioambientais desenvolvidas pela comunidade.

A iniciativa foi conduzida de forma ética, respeitosa e baseada em princípios de escuta qualificada, colaboração e representação responsável, respeitando especificidades culturais, formas próprias de organização social e autodeterminação comunitária.

A ampla circulação pública alcançada pelo projeto desde 2023, incluindo publicações jornalísticas internacionais, exposições e espaços de debate público, ocorreu em continuidade com essa relação de confiança e cooperação construída junto à comunidade ao longo do desenvolvimento do trabalho.

IMPACTO PÚBLICO

“**A Floresta Sabe (The Forest Knows)**” contribuiu para ampliar o debate público sobre proteção territorial indígena, regeneração florestal, governança comunitária e soluções socioambientais desenvolvidas por povos indígenas da Amazônia.

A iniciativa alcançou públicos nacionais e internacionais por meio de publicações jornalísticas, exposições, encontros públicos e circulação em espaços de fotografia, cultura e reflexão socioambiental.

PUBLICAÇÕES E DIFUSÃO INTERNACIONAL

- *The Guardian* — Reino Unido (2023)
- *Vanity Fair Italia* — Itália (2023)
- *GEO France* — França (2024)
- *GEO Germany* — Alemanha
- *Corriere della Sera* — Itália
- *Linkiesta* — Itália

EXPOSIÇÕES E ESPAÇOS DE DEBATE PÚBLICO

- Cortona On The Move — Itália
- SEED — Perugia / Assis — Itália
- FestiValori — Modena — Itália
- YEAST Photo Festival — Matino — Itália

Ao longo da circulação pública do projeto, buscou-se criar espaços de participação direta das lideranças e pessoas retratadas no trabalho. Em diferentes momentos de apresentação pública e abertura de exposições, Francisco Piyãko, liderança Ashaninka da comunidade Apiwtxa, participou remotamente, por meio de chamadas de vídeo, compartilhando em primeira pessoa experiências relacionadas à regeneração florestal, autonomia territorial, organização comunitária e estratégias desenvolvidas pela comunidade para a preservação da floresta.

A participação direta da comunidade contribuiu para ampliar o diálogo público em torno de soluções socioambientais desenvolvidas por povos indígenas e fortalecer a circulação de informações construídas a partir do protagonismo das próprias comunidades.

A iniciativa busca fortalecer a circulação de informação qualificada sobre a Amazônia e contribuir para ampliar narrativas que reconheçam protagonismo indígena, ancestralidade, justiça socioambiental e soluções concretas desenvolvidas pelas próprias comunidades da floresta.



Terra Indígena Kampa do Rio Amônia, Aldeia Apiwtxa, 28.02.2023:

Ao amanhecer, a umidade da floresta e do Rio Amônia se eleva sobre a paisagem em forma de névoa antes de se dissipar gradualmente com a luz do sol. A experiência de Apiwtxa demonstra que a proteção territorial indígena e a regeneração florestal possuem impactos que ultrapassam os limites da floresta. Ao proteger e regenerar a Amazônia, comunidades indígenas contribuem para a preservação de processos ecológicos essenciais, como os rios voadores, fundamentais para o equilíbrio climático, a biodiversidade e a segurança hídrica de grande parte da América do Sul.



Aldeia Apiwtxa, Terra Indígena Kampa do Rio Amônia, 04.03.2023

Nesta foto, aparecem três gerações de Ashaninka da aldeia de Apiwtxa: os líderes da aldeia posam com suas famílias ao pé da maior árvore da floresta, a samaúma. Da direita, os irmãos Moisés, Francisco e Wewito Piyãko, com suas esposas e filhos no centro. À esquerda, os líderes mais jovens, Jhon e Enisson, com outras crianças. A árvore samaúma tem um significado sagrado para aproximadamente 500 tribos ameríndias da Amazônia. Elevando-se acima da floresta, essas árvores grandes e antigas têm servido como marcos duradouros, guiando gerações de pescadores. Entre o povo Asháninka e várias tribos, as enormes raízes de sustentação são reaproveitadas como tambores para comunicação. Os Asháninka veem as árvores de samaúma não apenas como um marco físico, mas também como uma fonte de conexão e libertação, simbolizando sua ligação espiritual com os reinos do além.



Aldeia Apiwtxa, Terra Indígena Kampa do Rio Amônia, 01.03.2023

Bianca Piyãko, 19 anos, filha mais velha da liderança feminina **Dora Piyãko**, pinta o rosto. A rotina do povo Asháninka inclui o banho e a pintura facial ao despertar. Um dos pigmentos naturais utilizados é o **urucum**, que colore a pele com tonalidades que vão do vermelho intenso a diferentes tons de laranja, dependendo do grau de maturação do fruto. A pasta de urucum é preparada com uma base de óleo de **pussanga**, também conhecido como “óleo do amor”.

A pintura facial pode expressar não apenas a posição ou o estado em que a pessoa se encontra em relação ao seu ambiente social em determinado momento, mas também constitui uma importante forma de comunicação mística com os diversos espíritos da natureza ao redor e com a morada espiritual dos seres que veneram.



Aldeia Apiwtxa, Terra Indígena Kampa do Rio Amônia, 24.02.2023:

a colheita do **açaí**. O açaí é o fruto de uma palmeira que cresce apenas em solos muito úmidos ou alagados. Forma-se em cachos, tem formato arredondado e é cultivado principalmente na região Amazônica.

Popularizado tanto nacional quanto internacionalmente, o açaí é considerado um superalimento, fonte de gorduras saudáveis, antioxidantes, proteínas, vitaminas e minerais. Para o povo Asháninka que vive nesta região, ele faz parte indispensável da alimentação cotidiana. Por isso, muitas dessas palmeiras foram plantadas na aldeia e hoje cresceram tanto que formam verdadeiras “alamedas” arborizadas.

Os Asháninka de **Apiwtxa** vivem em uma verdadeira “**floresta-jardim**”, cultivada e regenerada por eles próprios ao longo de décadas. Muitas das espécies que compõem a paisagem ao redor da aldeia — incluindo as palmeiras de açaí — foram plantadas intencionalmente como parte de uma visão de manejo florestal baseada no conhecimento ancestral, na soberania alimentar e na convivência equilibrada com a floresta.



Aldeia Apiwtxa, Terra Indígena Kampa do Rio Amônia, 27.02.2023:

Ao final da colheita, uma criança carrega um cesto cheio de **pupunha**, outro fruto de palmeira cultivado pelo povo Asháninka.

A pupunha, também conhecida como **peach palm**, é o fruto de um tipo de palmeira cujo tronco é coberto por espinhos longos e afiados. Fonte de fibras e proteínas, a pupunha também é rica em vitaminas e minerais. Tradicionalmente, é consumida cozida com sal.



Aldeia Apiwtxa, Terra Indígena Kampa do Rio Amônia, 23.02.2023

Artur, 18 anos, com uma anta recém-caçada. A caça tradicional complementa a alimentação dos moradores da aldeia.

Os Asháninka restauraram a biodiversidade da floresta por meio do manejo de uma grande diversidade de espécies vegetais, utilizadas como alimento e medicina. Esse processo, por sua vez, atraiu de volta insetos, aves, répteis e animais para seus territórios.

Dessa forma, retomaram práticas tradicionais de caça biocultural. Antas, cutias, macacos, tatus, tartarugas e jacarés são considerados verdadeiras iguarias, além de representarem uma importante fonte de proteína na alimentação da comunidade.



Marechal Thaumaturgo, Centro Yorenka Âtame, 21.02.2023:

a liderança Asháninka Francisco Piyãko (à direita) fala a um grupo de moradores da Aldeia Apiwtxa durante uma reunião para organizar a participação de uma delegação em um encontro transfronteiriço com outros grupos Asháninka.

No centro da sala está a caiçuma, uma bebida fermentada tradicional Asháninka de forte valor social e espiritual, consumida durante festivais comunitários e cerimônias rituais.

A imagem evidencia processos de governança territorial e organização coletiva que estruturam a proteção do território, a transmissão intergeracional de conhecimentos e a articulação política entre comunidades indígenas. A presença da caiçuma reforça também a dimensão cultural e ancestral desses processos, demonstrando como práticas tradicionais permanecem integradas às formas contemporâneas de tomada de decisão e fortalecimento comunitário.



Aldeia Apiwtxa, Terra Indígena Kampa do Rio Amônia, 18.02.2023

A música e o canto desempenham um papel central nas tradições culturais e na espiritualidade do povo Asháninka; são um canal para a energia da terra e também um portal para o espírito dos ancestrais.

Chama a atenção o contraste entre a preservação cultural tradicional representada pelo jovem que veste uma **kushma** (traje tradicional confeccionado manualmente pelas mulheres a partir de algodão orgânico cultivado na aldeia), carrega um tambor (**tãpo**) e pinta o rosto com urucum, e as roupas globalizadas e a tecnologia do outro jovem, com seu smartphone.



Terra Indígena Kampa do Rio Amônia, Aldeia Apiwtxa, 20.02.2023:

Wewito Piyãko, uma das lideranças da comunidade, mostra ao filho como plantar uma muda de açaí.

O modo de vida na aldeia é baseado no reflorestamento e na agrofloresta. Os moradores da comunidade e a família Piyãko já plantaram mais de 2 milhões de árvores e seguem lutando para preservar seu território, a floresta e sua cultura.

A imagem evidencia a transmissão intergeracional de conhecimentos e práticas ligadas à regeneração ambiental e à autonomia territorial. Em Apiwtxa, o reflorestamento não representa apenas uma estratégia ecológica, mas também um instrumento de fortalecimento cultural, segurança alimentar e continuidade de formas indígenas de cuidado e proteção da floresta para as próximas gerações.



Aldeia Apiwtxa, Terra Indígena Kampa do Rio Amônia, 28.02.2023:

Eliane Yawanawá, esposa da liderança **Francisco Piyãko**, segura nas mãos um fruto chamado **biribá**. A veste que ela usa é chamada **cushma**.

O vestuário é um elemento central na definição da identidade de um povo, e sua produção pode levar meses, chegando a durar até um ano. Atualmente, as roupas femininas são confeccionadas com tecidos industriais (*tocuyo*), que, no entanto, são tingidos naturalmente e depois adornados com pinturas e ornamentos Asháninka, carregados de diferentes significados culturais.

Eliane pertence ao povo **Yawanawá**, é artesã e confecciona roupas com desenhos da **borboleta** (*yawavana*, mulher espiritual) e da **jiboia** (*Runüia*), símbolos de proteção e sabedoria recebidas do mundo espiritual por meio da bebida sagrada chamada **kamarãpi**.



Marechal Thaumaturgo, Instituto Yorenka Tasorentsi, 07.03.2023:

Benki Piyãko, liderança espiritual e política do povo Asháninka, invoca a força de **Pawa** na floresta que ele e sua comunidade ajudaram a plantar.

Junto de sua comunidade, Benki promoveu o plantio de mais de **2,3 milhões de árvores na Amazônia**, demonstrando às populações locais que é possível viver de forma mais saudável, próspera e sustentável com a floresta em pé.

Os Asháninka rejeitam a ideia de que a humanidade está separada da natureza e de que a natureza está subordinada aos seres humanos. Para eles, seres humanos, plantas, árvores, animais, aves, montanhas, cachoeiras, rios e os seres espirituais da floresta podem falar, sentir, pensar e se relacionar entre si.

“Se o equilíbrio ecológico se rompe, o mundo sente, dá sinais, faz alertas... Pensar, refletir, é muito importante, mas não se pode esperar demais para agir... Nossa cabeça é como o mundo, e o mundo é como a nossa cabeça.”

Em 2018, Benki inaugurou o **Centro de Saúde e Educação Yorenka Tasorentsi**, onde trata doenças por meio de terapias indígenas com plantas medicinais, baseadas em dietas tradicionais e na reconexão dos seres humanos com os ciclos da vida e seus ambientes naturais.

Por seu trabalho em Apiwtxa, Piyãko recebeu o **Prêmio Equador das Nações Unidas (UN Equator Prize)** e o **Prêmio Cultura de Paz**.



The Bruno and Dom project

This article is more than 2 years old

Benki Pyiko, spiritual and political leader of the Asháninka Indigenous people on the Brazil-Peru border, in the forest he helped create. All photographs: Nicolás Lanfranchi

The forest knows: the Amazon village with a message for the world – a photo essay

A long-time collaborator and friend of the journalist Dom Phillips, Nicolás Lanfranchi was due to travel with him and the Brazilian Indigenous expert Bruno Pereira on the Amazon research trip that led to their murders. At the last minute, plans were changed. Inspired by the work of Phillips and Pereira, Lanfranchi completed this project with the Asháninka people of Apiwtxa as an example of how ancestral knowledge and modernity can coexist in harmony: a true model for a sustainable future

By Nicolás Lanfranchi

I met Dom through my Indigenous friend, the environmental activist Davilson Brasileiro, with whom I investigated the 2015 Rio Doce disaster. Thanks to Davilson, Dom discovered my work, and we began collaborating on the stories he wrote for the Guardian. It was the beginning of a beautiful friendship, which we often celebrated by surfing together and cooking Italian recipes.

We met for the last time in Rio de Janeiro just before the [coronavirus pandemic] lockdown, to surf at Arpoador beach in Ipanema. We then worked together again, albeit from a distance, for some pieces on Covid-19 in Rio.

In the two years that followed, Dom concentrated on the book he was writing, and on research trips to the Amazon. We talked often, though far apart, about our common passion for music, about life, and made plans for when Covid would pass. We thought about how I could contribute to Dom's book with my photos, and he asked me to accompany him on [what would be] his last trip, to Brazil's Javari valley.

There was a long gestation for that trip, a series of green lights to be obtained from the Indigenous communities we would visit. But when the conditions were finally in place to leave, Dom firmly asked me not to come, concerned about the risks I would face. Something he did not tell me about changed his mind, and he left without me. We would do other things together when he returned, he reassured me, once the book was delivered. But not that trip. I found it strange; I was very sorry, but I accepted it.

So, as Dom prepared to leave for the Javari valley, I began new research with Davilson, who first told me about the Asháninka people of the Apiwtxa village and their charismatic leader. This united Indigenous community on the Amônia River in Acre state has become a model for others in their achievements in over 30 years of struggle to defend their territory and culture. We began to think about how to prepare an expedition to that distant territory on the Peru-Brazil border.

A few days before Dom left, we spoke for the last time by phone and I asked him if he knew the Asháninka. Only then did he tell me that he had visited Apiwtxa a few weeks earlier and was very impressed by the villagers' work in the forest and their way of life. He said they had put into practice the solutions to the problems of the forest. The enthusiasm with which he told me about them aroused even more curiosity in me and motivated me to embark on this adventure with Davilson.

Supported by

the guardian.org

About this content

Sun 4 Jun 2023 14:00 CEST

Prefer the Guardian on Google



Mist over the Amônia River at sunrise. The Asháninka village of Apiwtxa was established in the area in 1993

In 1993, the visionary Indigenous leader Benki Piyäko founded the Apiwtxa association, named after the village he and his small community had built. Piyäko, a member of the Asháninka people, one of South America's largest tribes, had designed a plan for sustainable development that has become widely influential in the decades since.

The way of life in the village is based on reforestation and agroforestry. It is sustainable and largely self-sufficient, maintained and protected by cultural empowerment, Indigenous spirituality and resistance to encroachment from the outside world.



Marta Ashaninka, a village elder, in the dawn light

The villagers and Piyäko have planted more than 2m trees and fight to preserve their land and culture. Piyäko has involved international organisations, Hollywood stars and ordinary citizens to support this mission. His work, with that of his community, has made it possible to transform once-devastated land into a lush forest and to help the village of Apiwtxa achieve food security and autonomy while maintaining a balance between the Asháninka lifestyle and culture, and modernity.

The image below captures the first light of day in the Amazon, and the mist that rises from the river and the forest, enveloping everything and then thinning out as the sun gets higher in the sky. It also captures the Amazon's “flying rivers” - a kind of invisible watercourse that circulates through the atmosphere.

Moisture generated in the **Amazon rainforest** meets the barrier of the Andes mountains at a height of more than 4,000 metres (13,000ft) and disperses with the winds across South America. The flying rivers contribute directly to the formation of the headwaters of the watercourses that form the great Amazon basin; it is estimated that their flow is equal to or greater than that of the Amazon itself, which is the largest river in the world.





Sunrise on the Amônia River: a small boat crosses the water at first light

Flying rivers are vital not only to Brazil’s agri-food economy but to the wellbeing of society. This natural phenomenon maintains the balance of climate and biodiversity, protecting ecosystems that are fundamental to the survival of the entire continent.

The Asháninka are a living example of how to respect the forest. *Apiwtxa*, meaning “unity”, is both the name of the village and a word sacred to the Asháninka, denoting the importance of collective over individual interests - one of the basic principles of community governance.

The Asháninka built this village on the banks of the Amônia River on two former pastures of about 40 hectares (100 acres). It is an isolated location and they have to travel several hours by boat to reach the nearest city. However, they maintain close links with Asháninka communities in Peru, where most of these Indigenous people (numbering about 60,000) live.



The Yorenka Tasorentsi health centre, opened by Benki Piyáko, is built according to the principles of traditional Asháninka architecture, which places great importance on the geometry of the roof

Indigenous architecture (above) is inspired by nature and ancestral bioclimatic construction techniques, which naturally maintain a comfortable temperature without affecting the environment.



Yoana, 60. The inhabitants of the village are accustomed to silence, to waiting, to observation

The inhabitants of Apiwtxa speak little; they observe with a gaze that seems to peer into the folds of the soul. They almost never ask questions but live in a time marked by the cycle of the seasons, by day and night, light and darkness. They are accustomed to silence, to waiting, to observation; they listen to dreams and the spirit world; they know how to immerse themselves in the unconscious to come out with the answers they seek.



Asháninka children play in the protected forest managed by the Apiwtxa community

The Asháninka have developed a land-use plan based on agroforestry, reforestation and the collection of non-timber forest products - such as açai fruit and murumuru oil, a native palm - in a sustainable manner.

Apiwtxa has a seedling nursery and, thanks to all the trees planted around the village, produces an abundance of fruits, both native - *buriti*, bananas, cashews, cacao and *cupuaçu* - and non-native, such as coconut and lemon. The agroforestry programme has been an unqualified success, providing food and income, and encouraging the population to take on a kind of ambassadorial role, carrying the message of forest conservation and sustainability beyond their own territory.



Blanca, a younger member of the Asháninka, paints her face

The daily routine of the Asháninka begins with a bath, then face painting. One of the natural pigments they use is *urucum*, in colours ranging from blood red to shades of orange, depending on the ripeness of the fruit. The urucum paste is made from a base of *pussanga*, an aphrodisiac also known as love oil.

Face painting can indicate the individual's relationship to their social environment at a given time, while also acting as a means of mystical communication with the spirits of the surrounding nature and the beings the Asháninka worship.





Eliane Yawanawá, wife of indigenous leader Francisco Piáiko, holds a biribá fruit

The type of dress worn by Eliane Yawanawá (above) is called a *cushma*. Clothing is a central element in defining their identity; its production takes months and each piece can last up to a year. Nowadays, Asháninka women wear clothes made from commercial fabrics, but these are naturally dyed and adorned with paintings and ornaments carrying different cultural meanings.



Harvesting açai, a type of palm fruit regarded in the west as a superfood

Açaí is the fruit of a palm tree that grows only in wet or flooded soil. It forms in clusters, is spherical and mainly cultivated in the Amazon region. It has become popular internationally, considered a superfood source of good fats, antioxidants, proteins, vitamins and minerals.



At the end of the harvest, a child carries a basket full of pupunha, another palm fruit grown by the Asháninka

Pupunha, also known as peach palm, is the fruit of another type of palm, whose trunk is covered in long, sharp thorns. A source of fibre and protein, pupunha is also rich in vitamins and minerals. It is best eaten boiled with salt.



Artur, 18, with a freshly killed tapir. Traditional hunting supplements the villagers' diet

The Asháninka have restored the forest's biodiversity by managing an abundance of plant species, for use as food and medicine, and this has in turn attracted insects, birds, reptiles and animals to their lands. In this way, they have resumed traditional biocultural hunting activities. Tapirs, agoutis, monkeys, armadillos, turtles and caimans are real delicacies, as well as a source of protein in their diet.

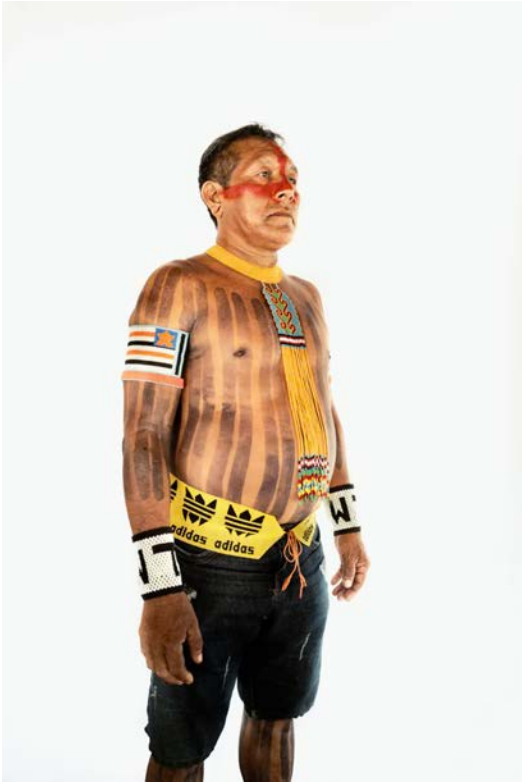


Benki Piyäko, spiritual and political leader of the Asháninka, invokes the strength of mystical beings in the forest he and his community planted

By planting millions of trees in the Amazon, Piyäko and his community have demonstrated to the local population that they can live a healthier, more prosperous and sustainable life if the forest is preserved.

The Asháninka reject the idea that humanity is separate from nature and that nature is subject to people. For them, human beings, plants, trees, animals, birds, mountains, waterfalls, rivers and the spiritual beings of the forest can speak, feel, think and relate to each other. “If the ecological balance breaks down,” Piyäko says, “the world feels it, gives warnings, alerts ... Thinking, reflecting is very important, but one cannot wait too long to do things ... Our head is like the world and the world is like our head.”

In 2018, Piyäko opened the Yorenka Tasorentsi health and education centre, where he treats illnesses with traditional plant therapies, reconnecting people to the natural environment and its life cycles. For his work in Apiwtxa, Piyäko has received the UN Equator prize and the Culture for Peace award.



Flechas Kawatum, leader of a delegation to Apiwtxa from the Kayapo people, who live in the Brazilian state of Mato Grosso

In March 2023, Flechas Kawatum, 54, a Kayapo warrior (above), brought a delegation from the Kayapo people of Mato Grosso to Apiwtxa to learn first-hand about the forest management and reforestation work and the daily life of the Asháninka.



Young people in Apiwtxa are influenced by the modern world as well as by traditional culture

Music and song play a central role in the cultural traditions and spirituality of the Asháninka, a channel for the energy of the earth and a portal to the spirits of the ancestors. The image above presents a striking contrast between the young man on the left with his traditional *tapo* drum and face paint, wearing a *cushma* hand-woven from cotton grown in the village, and the western clothes and technology of his companion, using his mobile phone.

Thank you for reading 68 articles. As one of our top readers, you can get the most out of our open and independent journalism by choosing an All-access digital subscription.

Article count [on](#)

IL RICHIAMO

Nel cuore dell'Amazzonia, lo sciamano Benki Piyako sta provando a sanare le ferite

CUSTODI

Benki Piyako, 49 anni, sciamano e attivista ambientale. Nella pagina accanto, alcune famiglie del villaggio Apiwtxa. Queste foto fanno parte di *The Forest Knows*, mostra fotografica di Cortona On The Move, realizzata da OTM Company in collaborazione con Aboca e Fondazione Guglielmo Giordano. Il progetto è di Nicolò Lanfranchi e Davilson Brasileiro. La curatela di Paolo Woods.

DELLA FORESTA

della Terra: pianta alberi, cura gli uomini, tutela la cultura indigena e le biodiversità

testo e foto di NICOLÒ LANFRANCHI





È sceso il buio sul fiume Amônia, di fronte alla città di Marechal Thaumaturgo, comune brasiliano nello Stato dell'Acre, al confine con il Perù. Le creature della notte cantano le loro sinfonie riempiendo l'aria, già intrisa di aromi di terra e pioggia. La luna rischiarava appena le chiome degli alberi della foresta.

Per arrivare qui, abbiamo preso cinque aerei e una canoa, e percorso oltre 13 mila km per incontrare Benki Piyäko, il «Dalai Lama dell'Amazzonia», 49 anni, membro del popolo millenario Asháninka, una delle tribù più grandi del Sudamerica, è lo sciamano e attivista ambientale capace di attirare celebrities come Jada Pinkett e Oona Chaplin (nipote di Charlie), il principe di Monaco Alberto II, Fabio Volo, la cantautrice Gaia Gozzi e Tommaso Marzotto che, dopo un brillante esordio al cinema come produttore di *Rocketman*, ha cambiato vita diventando uno suo stretto collaboratore: oggi il 29enne nipote di Marta organizza i viaggi internazionali di Piyäko, tra cui il tour europeo che lo porterà a Milano l'8 novembre per partecipare a una cena di raccolta fondi. «La

gente viene da me quando è in cerca di un allineamento tra la coscienza interiore e il mondo naturale», spiega lo sciamano. «Oltre a curare i malati e a guidare chi è in crisi psicologica, noi qui offriamo amore, che è un dono profondo. Le persone che soffrono di paura, rabbia o dipendenze hanno bisogno di un aiuto per ri-allinearsi».

Figlio di un capo indigeno e di una madre bianca brasiliana, Piyäko è stato designato come uno dei «*pajés* Asháninka», ossia coloro che trasmettono la conoscenza ancestrale. Gli Asháninka sono antenati e precursori degli Inca, una delle poche tribù che è riuscita a preservare le proprie tradizioni. Hanno sempre combattuto contro tutti gli invasori nel corso della storia, compresi i taglialegna illegali, i trafficanti di droga e il gruppo terroristico Sendero Luminoso. Non sono mai stati sconfitti. Nel 1992, grazie anche all'impegno del padre di Benki, hanno ottenuto la loro demarcazione ufficiale. L'anno successivo, insieme ai suoi sette fratelli, Piyäko ha fondato l'associazione Apiwtxa, dal nome del villaggio che la sua piccola comunità ha costruito lungo il fiume Amônia.

Il villaggio ha uno stile di vita centrato sulla riforestazione e sull'agro-forestazione: i suoi abitanti hanno piantato quasi tre milioni di alberi e, oggi, sono in lotta per preservare la loro terra e la loro cultura. Per sostenere questa missione, lo sciamano ha coinvolto organizzazioni internazionali, star di Hollywood e semplici cittadini. Insieme hanno trasformato un terreno, un tempo devastato, in una foresta rigogliosa. Così il villaggio di Apiwtxa ha raggiunto sicurezza alimentare e autonomia, mantenendo l'equilibrio tra la cultura Asháninka e la modernità.

Convinto che il modello della sua comunità possa essere replicato altrove, nel 2007 ha acquistato e rigenerato un terreno disboscato nella città di Marechal Thaumaturgo. Lì ha fondato *Yorenka Atame*, un centro di formazione e scambio di conoscenze che ha già formato quasi 40 comunità in materia di agro-forestazione. Da allora Piyäko collabora con organizzazioni non profit, attivisti politici e ambientali di tutto il mondo e con i residenti locali, indigeni e no, per rivitalizzare le aree degradate.

Nel 2017 la comunità Apiwtxa ha vinto l'*Equator Prize* delle Nazioni Unite per lo straordinario lavoro ambientale e per la difesa dei diritti e della cultura Asháninka. Nel 2018, poi, grazie al sostegno di organizzazioni e donatori internazionali, lo sciamano ha aperto il centro di salute ed educazione *Yorenka Tasorensi*, dove cura le malattie con terapie tradizionali a base di piante, «allineando», come dice lui, «le persone all'ambiente e ai suoi cicli vitali». Prossimo obiettivo: piantare 10 milioni di alberi in 10 anni.

Per gli Asháninka, infatti, l'umanità non è separata dalla natura e, pertanto, non deve assoggettarla: esseri umani ed esseri spirituali della foresta, piante e animali, montagne, cascate e fiumi possono parlare, sentire, pensare e relazionarsi reciprocamente. L'origine di questa concezione animistica va fatta risalire a un decotto

INSIEME

Il carisma di Benki Piyäko è tale da creare un clima di collaborazione tra i nativi e le persone provenienti dall'Occidente, tutti intenti a implementare il processo di riforestazione per salvare il Pianeta.

psichedelico estratto dalla pianta *Banisteriopsis caapi*, conosciuto come *ayahuasca* e chiamato *kamarūpi* dagli Asháninka. Medicina sacra, tradizionalmente consumata solo in associazione a diete o espiazioni per raggiungere la coscienza, agisce attraverso la dissimulazione dell'io, permettendo all'individuo di connettersi con l'ambiente e con il cosmo.

Attendiamo con trepidazione e rispetto che la grande cerimonia cominci, e che quella che qui chiamano «la medicina» faccia effetto. Nel buio, oltre ai locali che lavorano ogni giorno insieme a Benki, scorgiamo persone diverse per estrazione sociale e provenienza: attori di Hollywood, rampolli dell'aristocrazia ed eredi di famiglie facoltose accomunati dalla ricerca di «un significato» o di una guarigione. La via la indica lo sciamano: «L'*Ayahuasca* non è una droga, è una medicina che riattiva le cellule umane, rivelando i nostri errori e spingendoci a correggerli».

Durante tutta la notte, gli *ikaros*, i canti nell'antica lingua Asháninka, accompagnano

Piyāko continua: «È da quando ho 10 anni che sogno di poter dare qualcosa al mondo. Oggi ce l'ho fatta: sono riuscito a portare un messaggio a milioni di individui. Ogni giorno arrivano persone nella mia casa. E, quando escono, diffondono il mio pensiero». In effetti, insieme a noi e ai locali, il centro è popolato di decine di uomini e donne di ogni angolo del Pianeta che lavorano con Benki, imparando l'arte della riforestazione. «Fa parte del processo di guarigione dell'essere umano»,

insiste. «Tutto comincia sempre mettendo le mani nella terra».

Siamo nella stagione secca. Non piove da 100 giorni. Nel mese di settembre, violenti incendi di origine dolosa hanno devastato parte della foresta di Benki e molte terre circostanti. «Io sento la terra e la foresta come parte della mia vita, l'acqua come il mio sangue, la frutta come la mia carne», continua lo sciamano. «Come posso non lottare per difendere ciò che è la mia



GURU

Benki Piyāko ritratto nella foresta che ha rimboscato. Il suo obiettivo, ora, è piantare altri 10 milioni di alberi.

«Abbiamo tante speranze e una consapevolezza: il destino del mondo è in mano a ognuno di noi»

l'effetto dell'infuso sacro. La voce di Benki risuona ovunque, mentre cammina tra i presenti, vigilando che stiano bene. Fumi di tabacco e un'essenza floreale si diffondono nell'aria. Alle prime luci dell'alba, a mano a mano che l'effetto del decocto svanisce, lo sciamano si congeda con un semplice: «*É só alegria*», solo allegria, un mantra della cultura locale.

Il pomeriggio successivo incontriamo Benki ai piedi della Sumaúma, l'albero più grande della foresta. Tra le enormi radici sorge una minuscola casetta in legno. «Qui è cominciato tutto», racconta, «qui ho abitato da solo i primi anni in cui ho lavorato al sogno di questo centro». *Yorenka Tasorentis* significa «Saggezza del Grande Spirito», ed è un vero e proprio villaggio ecosostenibile e autosufficiente, capace di provvedere al fabbisogno alimentare e al benessere dei suoi abitanti e visitatori, attraverso l'allevamento di pesci e animali, e la coltivazione di piante da frutto e medicinali. È costruito secondo i principi dell'architettura tradizionale, ispirata alla natura e alle tecniche di costruzione bioclimatiche ancestrali, che mantengono naturalmente una temperatura confortevole senza alterare l'ambiente.

carne, il mio sangue, il mio spirito? Per farlo, ho affrontato minacce fin dall'infanzia. Abbiamo combattuto contro il taglio del legname, il bracconaggio degli animali e il traffico di droga. Siamo stati attaccati in vari modi. Ma non ho paura. Negli ultimi 20 anni, il sole è diventato più caldo, i fiumi si stanno prosciugando e gli eventi meteorologici estremi sono più frequenti. Stiamo assistendo a cambiamenti senza precedenti che minacciano il nostro stile di vita e l'equilibrio della foresta. È una grande illusione pensare che l'uomo debba solo studiare, lavorare e guadagnare. Noi ci impegniamo perché la comunità internazionale riconosca i popoli indigeni come i più attenti guardiani della biodiversità. Siamo noi che stiamo tenendo vivo il Pianeta, proteggendo l'Amazzonia, che è il suo polmone. In tanti, ancora, ci considerano solo dei «selvaggi», ma è grazie alla nostra intercessione se politici del calibro del presidente Lula si adopereranno per salvaguardare questa terra dalle miniere, dal petrolio e dalla deforestazione. Abbiamo tante speranze e una consapevolezza: il destino del mondo è in mano a ognuno di noi».

► TEMPO DI LETTURA: 8 MINUTI

La forêt ressuscitée des Asháninkas

Chassée du Pérou, cette tribu indienne s'est réfugiée aux confins du Brésil, dans l'État d'Acre. Sur des terres dévastées par la déforestation, les exilés ont planté des millions d'arbres et, grâce à leur science de la forêt, restauré la splendeur amazonienne.

TEXTE CYRIL GUINET - PHOTOS NICOLÓ LANFRANCHI

↑ Vêtus de la *cushma* traditionnelle et portant la coiffe ornée de plumes d'aras, les Asháninkas d'Apiwtxa posent au pied d'un kapokier, arbre nommé ici *samaúma* et considéré comme sacré.

↑ Maîtres en agroforesterie, les Asháninkas cultivent de nombreux fruits, dont le *biriba* (*Rollinia deliciosa*), à la pulpe crémeuse et au doux parfum citronné.



Sur les rives souillées par les bûcherons et les orpailleurs, ils ont élevé leurs premières huttes

← Le village d'Apiwtxa compte aujourd'hui quelques centaines d'habitations disséminées, comme ici au bord du rio Amônia, ou dans la forêt.



Le jour se lève à peine sur le rio Amônia qui étire ses méandres paresseux à travers la jungle du nord brésilien, comme s'il hésitait à aller se jeter dans le grand rio Jurua. Les premiers rayons du soleil nimbent d'argent la brume qui s'élève de la canopée vers les «rivières volantes», ces volumes d'eau invisibles flottant dans les airs, nés de la respiration des arbres et du vent. Sur les eaux limoneuses du fleuve, glisse une minuscule et fragile pirogue.

Un village dans la jungle

Minuscule et fragile, la présence humaine l'est tout autant dans cette contrée reculée du Brésil, en pleine forêt amazonienne. On la devine à quelques toits de chaume qui émergent çà et là, sur les rives de l'Amônia. Un petit millier de personnes vivent en effet ici, à Apiwtxa, village loin du monde, loin de tout. La grande ville la plus proche, Pucallpa, se trouve de l'autre côté de la frontière, au Pérou, à plus de 200 kilomètres à vol d'oiseau. Une jungle inextricable la rend quasiment inaccessible. Côté brésilien, Marechal Thaumaturgo, ville de 8000 habitants, est à trois heures de bateau en aval. Les villageois d'Apiwtxa sont des Asháninkas, le plus grand ➤

Carte : Guillaume Sciaux

→ Benki Piyāko, chef spirituel et politique des Asháninkas, communie avec les forces de la nature, dans la forêt que lui et sa communauté ont sauvée.

● groupe indigène d’Amazonie. On estime qu’ils sont environ 100 000, dont la très grande majorité est restée au Pérou. Leur longue histoire – quatre millénaires – s’est muée, depuis l’arrivée des Européens au XVI^e siècle, en une succession de luttes et de fuites pour leur survie. La forêt, où ils se sont d’abord réfugiés, les a relativement protégés des conquistadors espagnols, chercheurs d’or et de cannelle. Pas de la fièvre du caoutchouc, hélas, à la fin du XIX^e siècle. Les planteurs d’hévéa les réduisant en esclavage.

Inspirés par les visions de leur chaman

Exploités, massacrés, quelques centaines d’entre eux choisirent l’exil, dans les années 1930, et abandonnèrent leurs terres ancestrales du Pérou pour se réfugier de l’autre côté de la frontière, au Brésil. Là, ils découvrirent la voracité de l’exploitation forestière. Abattre un majestueux acajou à la hache leur prenait des jours. Il suffisait de quelques minutes aux bûcherons brésiliens armés de tronçonneuses. Des pans entiers de la forêt disparaissaient. Parmi les témoins de ce carnage de la nature, le *pinkatsari* (chef) Samuel Piyāko. Aujourd’hui, ses descendants affirment qu’il a utilisé ses pouvoirs chamaniques pour changer le destin de son peuple. C’est dans les années 1960 que, suivant les visions de Samuel Piyāko, quelque 200 Asháninkas, fuyant les violences des bûcherons,



Ils savent que la forêt est leur richesse. Leur projet est de la préserver...

des orpailleurs et des trafiquants de drogues, s’installèrent aux confins de l’État de l’Acre, où l’Amazonie s’élève en pente douce vers la cordillère des Andes. Sur deux anciens pâturages d’une quarantaine d’hectares au bord du *rio Amônia*, les exilés fondèrent un village, baptisé Apiwtxa, mot qui signifie «union» dans leur langue. Ils dressèrent des huttes, sur pilotis pour se préserver des serpents, et sans murs, ou presque, pour profiter de la brise rafraîchissante. Autour de leurs habitations, ils plantèrent des fruitiers et des plantes médicinales. Créèrent

des bananeraies etensemencèrent des sillons de maïs, de manioc et de coton. Ils creusèrent aussi des étangs pour élever des poissons et des tortues, qui figurent à leur menu, permettant ainsi à la faune du *rio Amônia* de se reconstituer. Et surtout, les habitants d’Apiwtxa entreprirent de réparer la forêt meurtrie... On estime aujourd’hui que les Asháninkas d’Apiwtxa ont planté deux millions d’arbres. Principalement des essences indigènes bichonnées dans la pépinière du village avant d’être installées en pleine terre. Avec la flore, ●



Quelques graines d’espoir...

Une poignée de huttes entourées de fruitiers à Marechal Thaumaturgo, au bord du *rio Amônia*, aux portes du territoire asháninka. Voici Yorenka Atame, «L’École des savoirs de la forêt» fondée en 2007 par le chef Benki Piyāko. Ici, les Asháninkas transmettent leurs connaissances en agroforesterie, écologie et économie, en échange d’une participation aux travaux de la communauté. Le centre, qui accueille des chercheurs du monde entier, a déjà formé des milliers d’étudiants, issus principalement d’autres tribus, mais aussi des planteurs de caoutchouc que les Asháninkas ont aidé à reboiser leur région. Avec un million d’arbres plantés et une tonne de semences récoltée et offerte à d’autres peuples amazoniens, Yorenka Atame donne aussi une leçon d’espoir.



← Bianca, originaire d’Apiwtxa, peint son visage avec de l’*urucum*, un pigment extrait des graines du roucouyer, un arbuste d’Amérique du Sud. Selon la maturité du fruit, les couleurs vont de l’orange au rouge sang.



↑ Moment de détente sur Internet. À Apiwtxa, les jeunes, très à l'aise avec ces moyens de communication, sont nombreux à posséder un profil Instagram.

→ Les grappes d'açaï, que ce garçon cueille avec agilité au sommet d'un palmier pinot, font partie de la nourriture traditionnelle des peuples d'Amazonie.

En relation intime avec la nature et connectés à Internet

◆ une faune que l'on croyait perdue a fait son retour. Et aujourd'hui, dans cette cathédrale de verdure restaurée, on croise à nouveau le tapir (*Tapirus terrestris*), le jaguar (*Panthera onca*) ou encore le singe laineux (*Lagothrix lagotricha*). Dans le même temps, poursuivant le projet de leur aïeul, les descendants de Samuel Piyãko ont créé l'Association Apiwtxa, afin de représenter leurs intérêts auprès de l'État brésilien. Le vieux chaman était déjà mort en 1992 lorsque, après des années de lutte, le gouvernement a accordé à son peuple la propriété d'un territoire de 870 kilomètres carrés (huit fois la superficie de Paris) autour d'Apiwtxa. La même année, lors du sommet de la Terre de Rio de Janeiro, le monde entier découvrait le visage de son petit-fils, Benki Piyãko, Indien au sang-mêlé, né de l'union d'un des fils du chaman et d'une mère blanche, fille de *seringueiros*, les ouvriers du

latex. «*L'homme mourra de son propre venin*», déclarait le jeune Asháninka à la tribune. Aujourd'hui âgé de 50 ans, Benki Piyãko est devenu l'ambassadeur de son peuple. Il donne des conférences à travers le monde, est reçu dans les ministères et dans les parlements, lève des fonds auprès d'organisations gouvernementales ou indépendantes, collecte des dons de particuliers, d'entreprises et de stars de Hollywood. À Maréchal Thaumaturgo, en 2007, il a fondé Yorenka Atame, une école des savoirs indigènes, pour «transmettre au monde cette connaissance unique de la forêt et de sa préservation».

Chasse à l'arc ou au fusil

À Apiwtxa, vivent désormais un millier d'Asháninkas. Outre les huttes et la pépinière, le village compte une école, où les enfants apprennent le portugais et la langue asháninka, l'histoire, les mathématiques, mais aussi ◆





↑ ↓ Aucune route ne relie Apiwtxa au reste du monde. Le seul moyen de rejoindre la ville la plus proche, Marechal Thaumaturgo, à trois heures en aval du village des Asháninkas, est la pirogue (ci-dessus). Le matin, voir les écharpes de brume cotonneuse s'élever au-dessus de la canopée et des méandres du *rio Amônia* (ci-dessous) est un spectacle inoubliable.



● le tissage de la *cushma*, une sorte de long poncho. La communauté s'est également dotée de panneaux solaires, d'un local informatique, d'hébergements pour accueillir des visiteurs. La vie quotidienne y suit un rythme immuable. La journée, qui débute tôt, aux chants des oiseaux, pour se terminer au coucher du soleil, est consacrée au travail des cultures, à la récolte des fruits et de l'açaï. On pêche et on chasse, au fusil et à l'arc, le tapir, le singe et le pécar. On répare les huttes et les outils. Ou on trie les fèves de *cupuaçu*, une plante proche du cacaoyer, qui sèchent sur des longues tables sous une serre.

Après des décennies d'efforts, le village a, comme le souhaitait le cha-

tous un – ou sur les télévisions qui ont fait leur apparition dans certaines maisons. C'est le moment où des femmes filent le coton et où les chefs spirituels se réunissent sous le ciel étoilé dans une communion silencieuse.

Selon leurs mythes, les animaux, les végétaux, les minéraux, et même les corps célestes sont de proches parents des hommes. En particulier l'ayahuasca (*Banisteriopsis caapi*), liane aux propriétés hallucinogènes. Lors des cérémonies, qui se déroulent toujours de nuit, lorsque l'infusion psychoactive commence à faire effet, le chaman entonne un chant, bientôt rejoint par les autres participants. Les voix s'enchevêtrent pour créer une polyphonie exta-

Le tapir, le jaguar et le singe laineux aussi sont de retour

man Samuel Piyāko, atteint la sécurité et l'autonomie alimentaire. «*Nous avons réalisé le rêve de mon grand-père*», a déclaré Moisés, un des frères de Benki, lors d'une conférence. Mieux : la communauté transforme aujourd'hui certains fruits produits en excès pour les vendre. Les Asháninkas d'Apiwtxa ont investi dans des machines qui leur permettent d'en extraire la pulpe et de la congeler pour la commercialiser dans les meilleures conditions. Ils vivent aussi de la vente de leur artisanat. Dans les boutiques ethniques et branchées de São Paulo, on trouve des bracelets et des colliers de graines ou de dents de pécar, des textiles fabriqués au village à partir de coton biologique, des huiles essentielles et des teintures naturelles telles que l'*urucum*, de couleur rougeâtre.

Le soir, les habitants de la forêt découvrent le reste du monde sur leur smartphone – ils en possèdent quasi

Deux mots en portugais reviennent souvent dans ces chants : *só alegria* («seulement la joie»). On les entend souvent dans la bouche des Asháninkas, lorsqu'ils contemplent un coucher de soleil, pour souhaiter bon anniversaire à un enfant ou lorsqu'ils plantent un arbre. Une façon de traduire un sentiment d'optimisme, de vitalité dans l'action et de confiance dans l'avenir. Sentiment qui a récemment fait son chemin jusqu'à... Los Angeles. Le 5 juin 2023, événement sans précédent pour les Asháninkas d'Apiwtxa, Raine Piyāko, 25 ans, fils de Benki Piyāko, et plusieurs membres de sa famille se sont produits à l'Hotel Cafe, salle de concert hollywoodienne célèbre pour avoir accueilli Leonard Cohen, Adele et Katy Perry. Subjugué par les chants de la forêt, le public s'est mis à danser au rythme des mélodies. *Só alegria*. ■

Cyril Guinet

RETOUR DE TERRAIN



Nicoló Lanfranchi
Photographe

“ Pour moi, ce voyage était aussi un devoir de mémoire envers mon ami, Dom Phillips ”



C'est en 2015 que Nicoló Lanfranchi (tee-shirt rouge) a rencontré le journaliste anglais Dom Phillips (en vert), assassiné, en juin 2022, lors d'un reportage dans la forêt amazonienne. «Quelques jours avant son départ, nous avions évoqué des Asháninkas au téléphone, se souvient le photographe milanais. Dom avait visité Apiwtxa et avait été impressionné par ce que les villageois avaient accompli.» Nicoló n'entendrait plus jamais la voix de son ami, avec qui il aimait surfer à Ipanema et partager des plats italiens. «J'ai fait ce voyage pour lui rendre hommage. Chaque soir, durant les quatre semaines passées à Apiwtxa, je me suis endormi dans mon hamac, subjugué par les bruits de la forêt», dit-il. Et en songeant sans doute à son ami Dom.

Ein Dorf im Grünen



In Brasilien musste das einheimische Volk der Asháninka miterleben, wie Fremde die Natur zerstören. Dann wurde ihnen ein eigenes Gebiet im **Amazonas-Regenwald** zugesprochen. Dort haben sie ein Dorf gebaut und erneuern nun den Wald – Baum für Baum

Text: Annika Sartor — Fotos: Nicolás Lanfranchi

Fotos: Nicolás Lanfranchi/laif. Die Fotos stammen aus dem Projekt "The Forest Knows" über das Wissen des Waldes, das in Zusammenarbeit mit Davilson Brasileiro für das Festival „Corona On The Move“ produziert wurde.

Noch sieht die Palme winzig aus: ein Setzling, gerade mal so groß wie eine Ananas. Piyākiri, 13 Jahre alt, schaut zu, wie sein Vater die Pflanze in die Erde drückt. Ausgewachsen wird sie später bis zu 25 Meter in den Himmel ragen, im Westen des Amazonas. Der Regenwald in Südamerika ist eines der größten Naturwunder unseres Planeten – und zwar wortwörtlich: Deutschland würde knapp 20-mal hineinpassen. Und er steckt voller Leben! Nirgendwo sonst streifen, kriechen und flattern mehr Tierarten umher: Jaguare, Tapire, Tukane, Kolibris und viele mehr. Außerdem sind im Regenwald indigene Völker zu Hause. Die Asháninka, zu denen Piyākiri und seine Familie zählen, leben seit Jahrhunderten im Westen Brasiliens und im Nachbarland Peru.

Lange Zeit waren sie dort ungestört, bis ab den 1970er-Jahren immer mehr ungebetene Gäste zu ihnen vordrangen: Jäger, die es auf Felle abgesehen hatten. Viehzüchter, die Weideflächen statt Regenwald wollten. Holzfirmen, die Straßen bauten, unzählige Bäume fällten und mit ihren kreischenden Kettensägen Tiere in die Flucht trieben. Die Asháninka in Brasilien wehrten sich, kämpf-

ten für ihre Rechte – und bekamen im Jahr 1992 ein eigenes Gebiet zugesprochen.

Neue Bäume für den Wald

Auf der Fläche, die etwa so groß ist wie Berlin, leben heute rund 900 Menschen verteilt im weiten Grün. Einige aber haben sich zusammengetan und ein Dorf gegründet: Holzhäuser auf Stelzen, gedeckt mit Palmenblättern. Es liegt am Ufer des Flusses Amônia und ▶

Kleine Taten, große Wirkung: **Piyākiri** schaut zu, wie sein Vater eine neue Kohlpalme pflanzt. Sie soll den Regenwald erneuern – und das Dorf ernähren



Im Abseits: Das Dorf Apiwtxa ist umgeben von dichtem Regenwald. Es dauert vier Stunden, bis man mit dem **Boot** den nächsten größeren Ort erreicht



Ausgewachsen ist eine **Kohlpalme** bis zu 25 Meter hoch und trägt Açaí-Früchte. Um sie zu ernten, klettert Piyākiri geschickt den Stamm hinauf

Die offenen Holzhäuser in Apiwtxa stehen auf **Stelzen**, damit keine Schlangen nach innen kriechen



Hier treffen Gegensätze aufeinander: Die Kinder tragen traditionelle Gewänder und moderne **Kleidung**, sie spielen mit selbst gebauten Instrumenten und am Handy

trägt den Namen Apiwtxa, übersetzt: „Gemeinschaft“. Denn: Das Dorfleben und die Zukunft des Ortes gestalten alle zusammen, Männer, Frauen – und Kinder.

In den vergangenen Jahren haben sie bereits Erstaunliches geschafft: Sie haben ein Lager für Pflanzensamen angelegt, Setzlinge herangezüchtet – und fast zwei Millionen neue Bäume gepflanzt! So wird der geschundene Wald um sie herum wieder dicht und grün. Außerdem versorgen sich die Asháninka komplett selbst: Rund

um das Dorf wachsen Bananen, Maniok, Kakao oder Mais. Die Gemeinschaft hält Hühner und Schweine, geht fischen und jagen – allerdings in wechselnden Abschnitten des Waldes, damit sich die Tierwelt immer wieder erholen kann.

Piyākiri und die anderen Kinder lernen in der Dorfschule, wie man Wald und Land am besten bewirtschaftet, helfen beim Pflanzen und Ernten. Der 13-Jährige schafft es sogar in die Kronen der höchsten Palmen! Um an Açaí-Beeren zu

kommen, schlingt er sich eine Steighilfe um die Füße und klettert Meter für Meter. Oben angekommen, schlägt er die Zweige voller Früchte ab und rutscht damit den Stamm wieder hinunter.

Altes bewahren, Neues probieren

Die Asháninka leben zwar zurückgezogen – isoliert sind sie aber nicht: In der Dorfschule gibt es sechs Computer, die mit einer Solaranlage betrieben werden. Piyākiri und die anderen können über Satellitenanbindung auf das Internet zugreifen, Englisch lernen und sogar Onlinekurse anderer Schulen belegen. So kommt es, dass sich im Dorf Traditionen und Moderne mischen: Manche Kinder tragen Gesichtsbemalung und Cushmas, die selbst gewebt und gefärbten Gewänder der Asháninka. Andere die Trikots ihrer Lieblings-



Neue Hütten braucht das Dorf – also packt Piyākiri (Zweiter von links) mit an. Die **Häuser** bestehen aus Holz und werden mit Palmenblättern gedeckt



Kampa do Rio Amônia – so heißt das Gebiet, ganz im Westen von Brasilien, das dem Volk der Asháninka vor 30 Jahren zugesprochen wurde. Hier leben rund 900 Menschen, die meisten davon im **Dorf** Apiwtxa. Weitere 60 000 Asháninka sind im Nachbarland Peru zu Hause

fußballmannschaft. Sie baden im Fluss, lassen Drachen steigen – oder schauen Fernsehen. Im Dorf sind sie unter sich, teilen aber gleichzeitig ihren Alltag auf Instagram. So wollen sie bekannter werden und Unterstützung für neue Umweltprojekte bekommen.

Freier geht es nicht

Dabei überlegen sich die Asháninka immer genau, was sie von sich preisgeben und welchen Ideen sie sich öffnen – zu wertvoll ist ihnen das friedliche Leben im Regenwald. Piyākiri und die anderen können hier so frei aufwachsen wie vielleicht nirgendwo sonst. Sie paddeln in Kanus über den Fluss, üben Bogenschießen, klettern auf Bäume, kümmern sich um ihre Tiere.

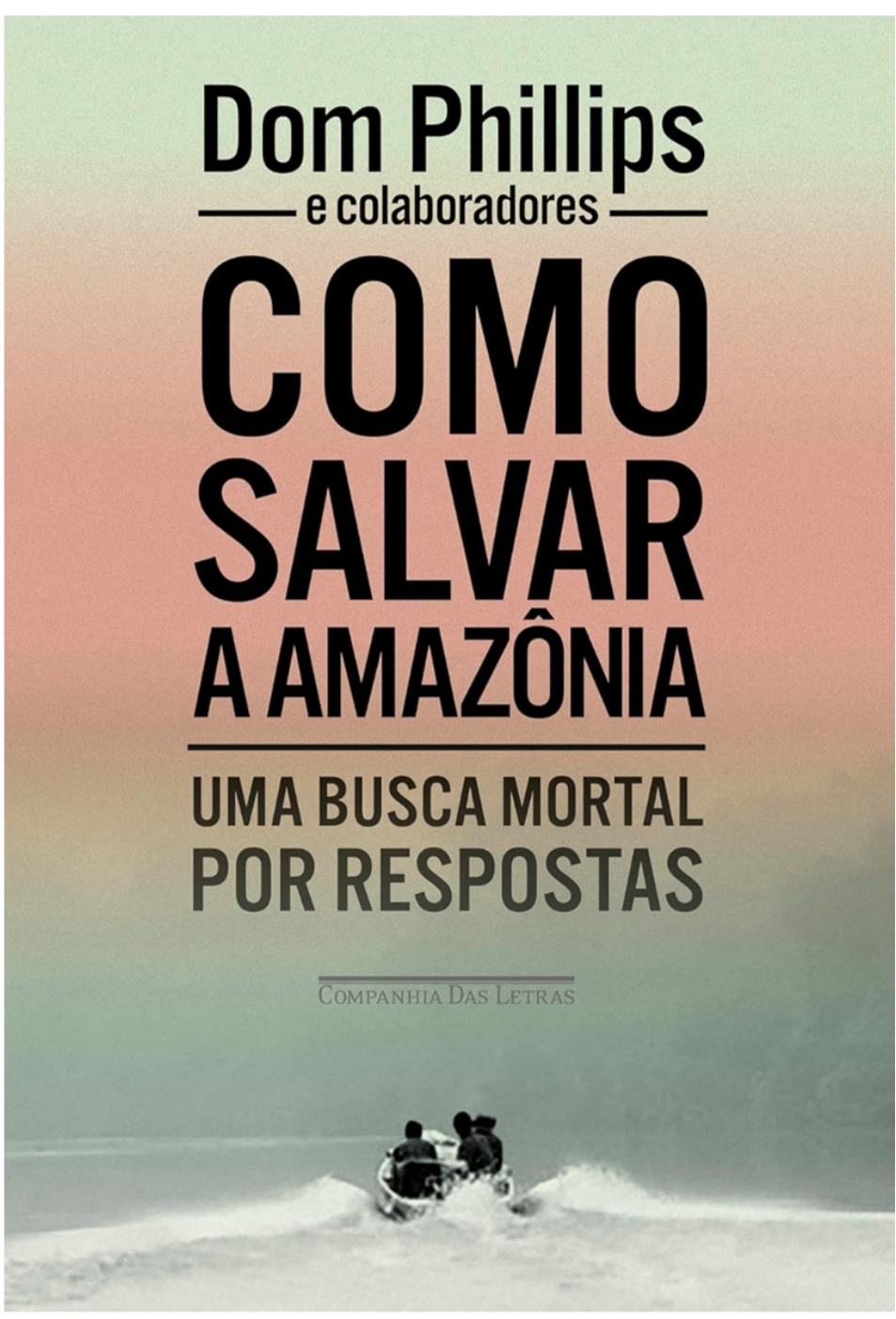
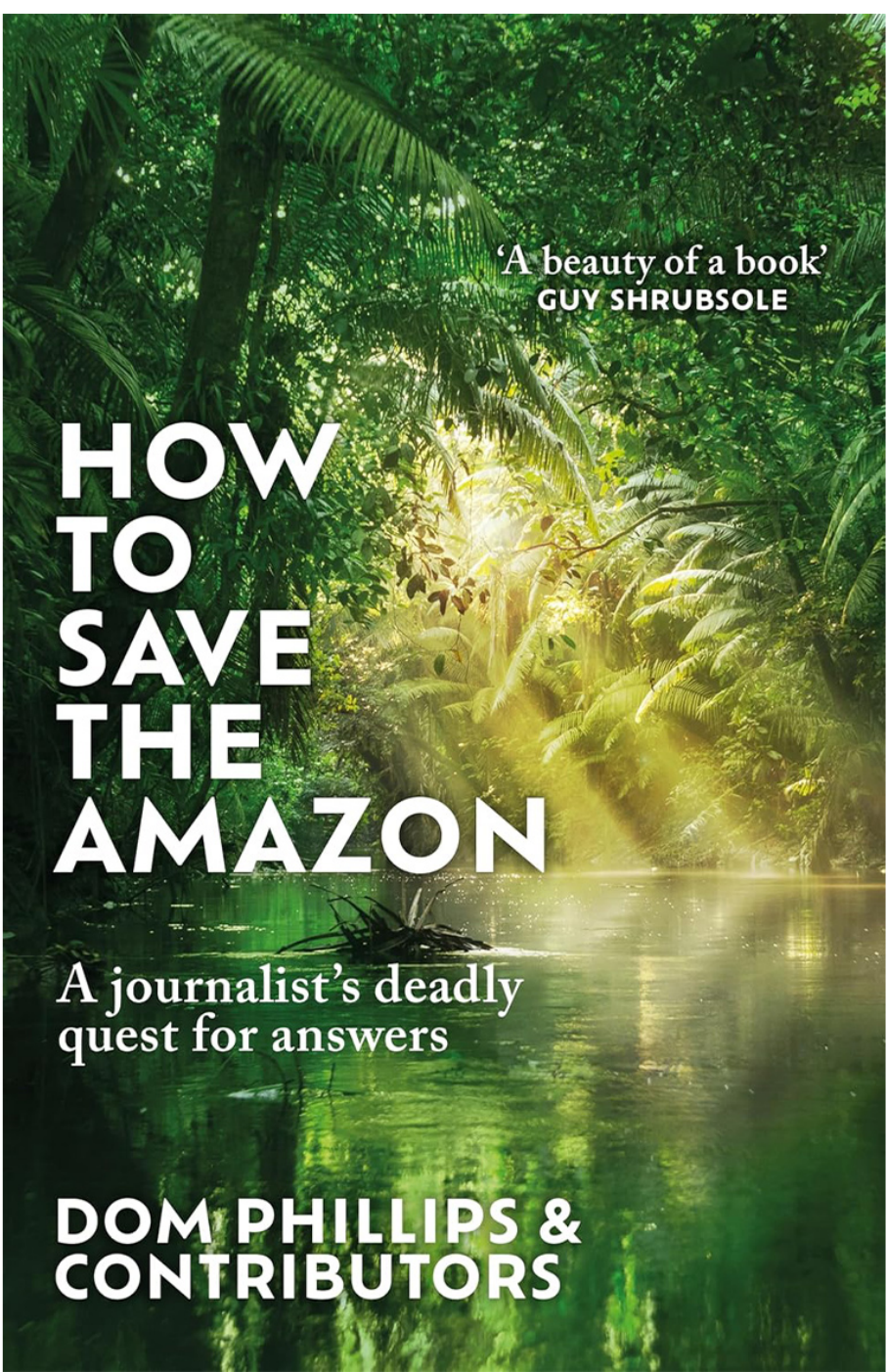
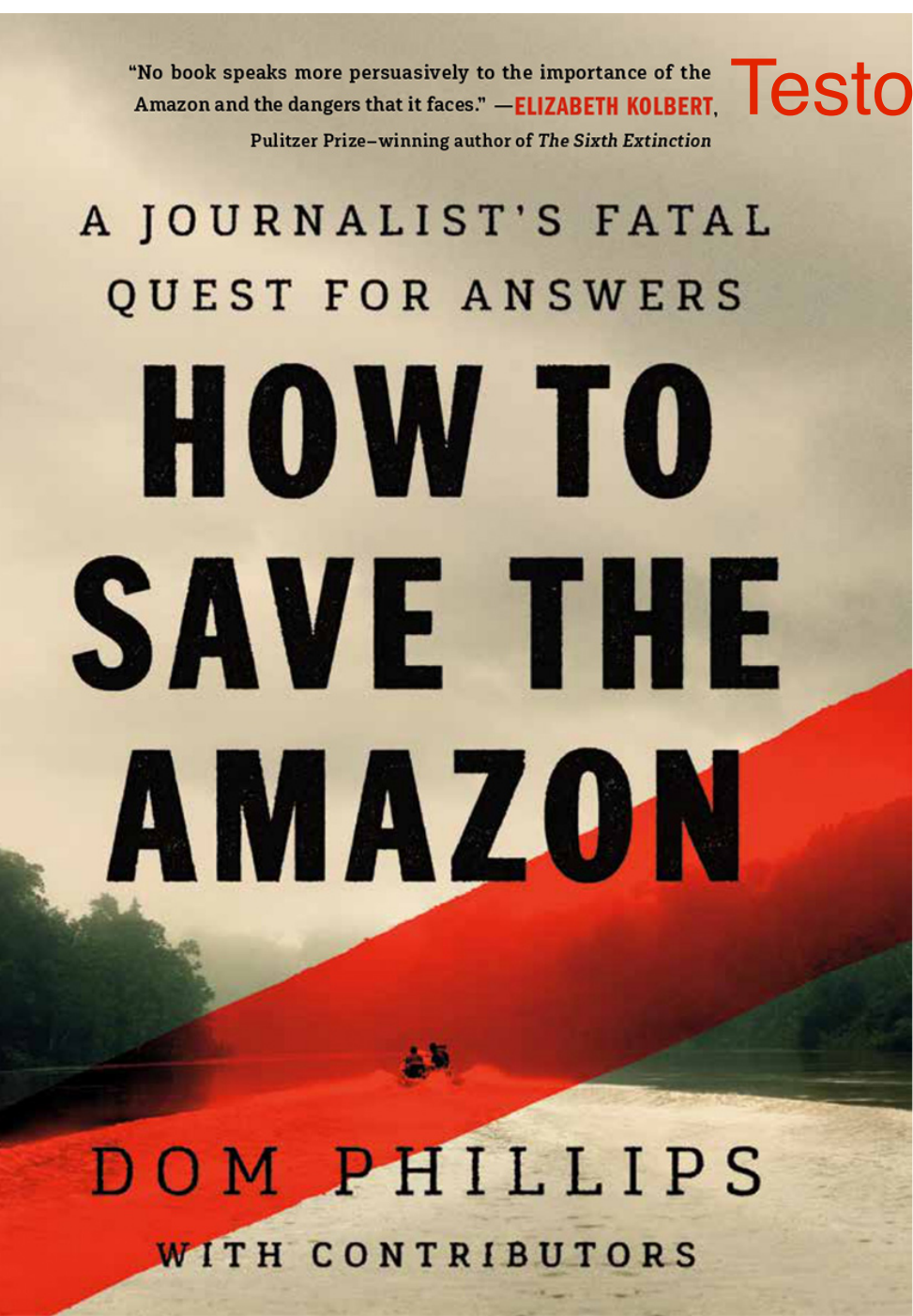
Kurz vor Sonnenuntergang gibt es Abendessen, die Luft ist noch warm und feucht. Als es dunkel ist, ziehen sich alle in ihre Hütten zurück. Die haben weder Fenster noch Türen. So können sie schlafen wie im Freien und den Geräuschen des Amazonas-Regenwaldes lauschen – ihrer Heimat. ■

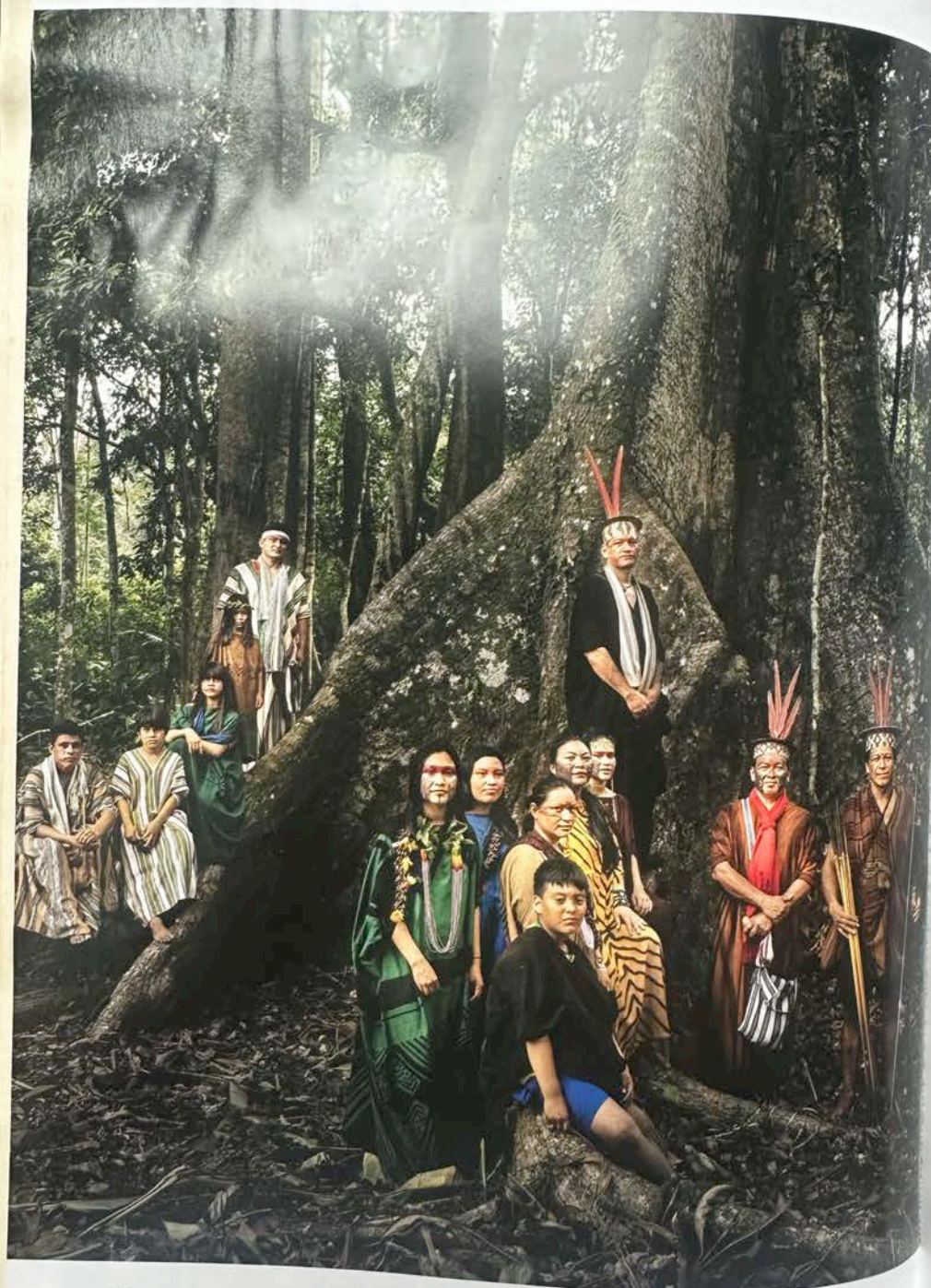
Tägliche Gesichtsbemalung gehört zur Tradition der Asháninka. Die rote **Farbe** wird aus Früchten gewonnen und mit einem Stöckchen aufgetragen



Karte: GEOlino EXTRA unter Verwendung von Shutterstock

contribuição para o livro de Dom Phillips “Como Salvar a Amazônia”





The Amazon is home to more than 350 ethnic groups: At the foot of a majestic samaúma tree, the families of Wewito Piyãko, Francisco Piyãko and Moises Piyãko, leaders and founders of the Ashaninka Apiwtxa village.

© Nicoló Lanfranchi

© Fabio Erdos

Huge in
social c

© João Leet

Cattle gr
Cattle t

O retrato da família Piyãko
aos pés da majestosa Samauma,
na reserva indígena Kampa do Rio Amônia

PUBBLICAÇÕES ONLINE

The Guardian <https://www.theguardian.com/global-development/2023/jun/04/the-forest-knows-the-amazon-village-with-a-message-for-the-world-a-photo-essay>

Corriere della Sera https://www.corriere.it/pianeta2030/23_ottobre_20/popolo-dell-amazzonia-che-ha-trasformato-pascoli-foresta-progettando-verde-b987b180-6dcf-11ee-b4dd-ccfb4c07cfb8.shtml

Linkiesta https://www.linkiesta.it/2023/04/nicolo-lanfranchi-fotografia-amazzonia-festival-architettura-seed-perugia/?_cf_chl_tk=Xdk2ilCCvV_WQf2lItUSqciBk1Q7Tj5dZmPb190uuU-1779201668-1.0.1.1-Kh.fj6wel23lvXfFmuB9tn7zHTfcnl..lynZWYoy9A

Geo France <https://www.geo.fr/environnement/dans-l-etat-d-acre-la-foret-ressuscitee-des-ashaninkas-222581#photo-1>

EXPOSIÇÕES

Cortona On The Move, producer of the international traveling exhibition

<https://www.cortonaonthemove.com/en/traveling-exhibitions/theforestknows/>

Aboca (sponsor festival Seed) <https://www.aboca.com/it/news/il-progetto-fotografico-the-forest-knows-di-nicolo-lanfranchi-esposto-al-seed-festival/>

SEED festival-PERUGIA <https://ilfotografo.it/news/perugia-mostra-fotografica-forest-knows/>
<https://fotocult.it/nicolo-lanfranchi-the-forest-knows/>

YEAST photofestival-MATINO: <https://www.collateral.al/en/the-forest-knows-nicolo-lanfranchi-amazon-brazil-photography/>
<https://www.ipresslive.it/en/ipress/comunicati/view/59093/>

